



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ADULTIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

ANTONIO JEFERSON BARRETO XAVIER

FERNANDO SEFFNER

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Resumo: Este paper analisa as questões de gênero que a presença de professores homens no escolar e nos demais atores do meio rural. A pesquisa é parte integrante de investigação de atualmente desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Os dados aqui a piloto no campo, realizada entre dezembro de 2015 a fevereiro de 2016. O tópico que mais chamou rompimento entre a Educação Infantil dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As observação principal deles sendo: o processo de adultização nessa fase da educação é uma questão de gênero? Apresentamos no paper as reflexões decorrentes desse e demais questionamentos. **Palavras-docência Resúmen:** Este artículo analiza los temas de género que la presencia de los profesores v. la comunidad escolar como también en las demás personas de las áreas rurales. La investigación e rurales de Jequié -BA, que actualmente se desarrolla en el Programa de Postgrado en Educación c son parte de una investigación experimental en el campo, llevado a cabo entre diciembre del año más ha llamado atención fue un posible caso de separación entre la educación infantil en los prir observaciones generaron algunas cuestiones, la principal es: ¿el proceso de madurar en esa etapa género?

Presentamos en este artículo las reflexiones que surgen de esta y otras cuestiones. **Palabras clave**

Palavras iniciais O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada "O gênero homens nos anos iniciais no meio rural de Jequié-BA". Em fase de desenvolvimento no Progran Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a pesquisa tem como objetivo analisar as questões de homens dos anos iniciais suscita na comunidade escolar e demais atores do meio rural. Todavia, di

dezembro de 2015 a fevereiro de 2016 algumas questões chamaram a nossa atenção e se juntaram. Entre diversas questões destacou um possível processo de rompimento entre a Educação Infantil – dos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa educacional foco da pesquisa. Nomeamos e compreendemos que há um movimento em tornar as crianças em pequenos adultos que se distanciam e transformam em alunos “[...] as obrigações já postas de antemão à categoria aluno determinam seja, a forma de ser aluno é de ser sujeito em sistema anterior a ele” (FOCHI, 2015, 40). Durante as aulas em diversas salas estavam com as cadeiras organizadas em fileiras, não havia trabalhos produzidos por alguns professores entrevistados, as atividades ligadas às artes, o cuidado e o lúdico eram pouco apreciados pelas professoras e o que eles fazem é aproveitar da “facilidade” das colegas para as atividades artísticas. As crianças das escolas visitadas possuíam apenas seis anos de idade, havia uma ausência da brincadeira que parecia não ser mais possível, havia uma pressa em se constituir/ser constituído aluno, em cumprir a preocupação pela alfabetização, como denunciava a atividade xerocada disposta na mesa de um professor. Geramos alguns questionamentos e inquietações: a infância no espaço educacional está condicionada? Ao se afastarem de algumas ações ligadas à Educação Infantil estariam esses professores de alguma forma perdendo suas masculinidades e da sua própria atuação com as crianças pequenas?

O processo de adultização nessa fase da educação é uma questão de gênero?

E o que dizem as próprias crianças sobre o fato de ter um professor homem?

Adiantamos que não chegamos a conclusões e não é esse nosso objetivo maior, porém, realizamos: **“Quem quer brincar de roda/ Jogar peteca ou dançar quadrilha/ Brincar de pique, pega-por-pique é uma maravilha [...]”** A canção do mineiro Rubinho do Vale que serve para intitular essa sessão da parte do universo das crianças e que muitas vezes estão presentes no chão da escola, consideramos “humano” (RODRIGUES, 2013, p. 10). Contudo, a pesquisadora chama atenção que construir um espaço que torne o processo de aprendizagem prazeroso e enriquecedor para a criança. A infância pode ser aprender. Nesse sentido, ao falarmos de adultização das crianças dos anos iniciais estar relacionado a brincar/aprender, em processos de disciplinarização dos corpos, de modelagem de saberes, de aprendizagem por adultos (ARROYO, 2009), podemos pensar que o binômio cuidar-educar que é tão significativo nas salas que se apressam em tornar as crianças em adultos em miniaturas. O Estatuto da Criança prevê que até os 12 anos de idade ainda somos crianças. Contudo, parece que há em voga uma visão de criança limita-se a Educação Infantil, logo, ao ingressarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental imediato da fase anterior. Suponhamos que a partir da promulgação da Lei 11.274 de fevereiro de 2002 de nove anos e a inserção das crianças aos seis anos nessa fase, foi reforçada a visão de educação infantil no Ensino Fundamental. Assim, cada vez mais cedo têm se visto as crianças pequenas como alunos e em respeito escreve que “Conseqüentemente, ao transformarmos as crianças em alunos, estamos atenuando a infância marcada pela e na sociedade, que traz consigo outros vocabulários que as naufragam em arcaicas concepções (p.40). Mesmo compreendendo que a consideração do autor está relacionada à Educação Infantil a ser pensado para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Se conforme assegura o ECA ser criança

que a infância está presente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, assim, essa etapa deve Educação Infantil que estão normatizados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação segundo o documento normativo são: **a)** Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. **b)** Políticos: dos direitos de respeito à ordem democrática. **c)** Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e das manifestações artísticas e culturais. Chamamos atenção para o último conjunto de princípios os – criatividade e a sensibilidade, que a nosso ver tem sido um dos princípios mais ausentes na educação Fundamental e evidencia a ruptura com a Educação Infantil, um rompimento operado pelos professores. Sônia Kramer aponta que “Educação Infantil e ensino fundamental são frequentemente separados não há fragmentação. Os adultos e as instituições é que muitas vezes opõem Educação Infantil e er *apud* LOBO 2012, p.77)” Conforme a autora é importante não esquecer que temos crianças nes questionar o que justifica essa ruptura?

Quais interesses perpassam esse movimento e a quem ele interessa?

Quais discursos justificam o processo de adultização das crianças dos anos iniciais?

É importante garantir a criança do Ensino Fundamental o direito a ser criança. Não cabe a essa etapa Educação Infantil, mas “[...] garantir a continuidade de um atendimento que tenha como princípio a infância através de um currículo sólido, articulado com a Educação Infantil” (LOBO 2012, p.77). No que diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, o documento recomenda, com destaque para o caráter lúdico da aprendizagem

Na perspectiva da continuidade do processo educativo proporcionada pelo Ensino Fundamental terá muito a ganhar se absorver da Educação Infantil o caráter *lúdico da aprendizagem, particularmente entre as crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos*, tornando as aulas menos repetitivas, mais prazerosas e desafiadoras para os alunos[...] (BRASIL, 2010, p.21, grifos nossos) Como nos ensina Sônia Kramer, as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar) acompanhado por adultos na educação infantil e também no ensino fundamental que parece a presença de professores homens no ensino de crianças de 6 a 10 anos de idade. Será o contato entre os corpos um problema?

A sexualidade desses profissionais é questionada quando eles atuam com os alunos. Quais imagens de masculinidade e feminilidade são construídas com a atuação dos professores? Questionamentos que nos instigaram a lançar um olhar sobre esse processo de inserção no ensino fundamental realizando. Estas questões nos conduziram para/no processo de inserção no ensino fundamental e levantados refinamos algumas percepções que já tínhamos e estão presentes no ensino fundamental que nos auxiliam no processo de análise de como as construções levantadas pelo professor entrevistado comentou o processo de convivência com as crianças e as atividades ligadas às artes se configurou como um dos fatores para que

sexualidade. Em um diálogo com o professor a colega não assume diretamente, mas o professor conclui seu pensamento “pensava que eu pensei que tu era”, mas o professor conclui seu pensamento “pensava que eu [...] depois de estarem acostumadas e de me olharem com outro olhar professoras uma [colega] foi e me confessou que ‘ah eu pensava que tu era pensava que eu era homossexual por estar trabalhando com crianças e tá depois que perceberam que não era, pararam. (entrevista realizada em janeiro

Duas questões podem ser analisadas a partir do relato acima, o discurso ligado às artes, a sensibilidade e a criatividade, esse mesmo discurso surge quando diz “tenho que recorrer a facilidade delas [colegas mulheres] para as magistério os discursos que tinham como objetivo afirmar a mulher com pequenas, apontava a sua sensibilidade para o cuidar/educar, para o lúdico ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos p questionar como de alguma forma esses discursos ainda estão presentes no para o processo de adultização das crianças nesse nível escolar. Tornando a de pequenos-adultos, o professor se isenta de questionamentos e se afasta d Entendemos que as observações e entrevistas realizadas até o momento no para análise. Porém, essas questões serão pensadas de forma mais refinada Outra questão que merece reflexão é o fato da colega suspeitar da sexualidade suspeita da homossexualidade surge como um problema quando há hor pequenas, como apontaram, entre outras, as pesquisas de Sayão (2005), e sua investigação pesquisou dois professores homens que atuavam nos anos Um dos participantes da pesquisa de Fonseca era assumidamente homossexual contexto escolar, porém mesmo sendo heterossexual o outro professor pesquisou a respeito da sua sexualidade. Segundo o pesquisador por vivermos em um lugares de cada gênero são determinados, criando fronteiras que quando rompem para “arrumar” e “organizar”. Logo, ao ensinar nos anos iniciais esses sujeitos desperta a indagação e o questionamento de modo que a lupa da heterossexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação (BRITZMAN, 1996, p. 79) surge para checar, vigiar e punir aos que desviam alguns professores se distanciam de algumas ações dentro da escola homossexualidade ou outras acusações que almejam impedir a sua atuação Elisabeth Cruz (1998) sobre a atuação de professores homens na creche com homossexual associada a esses profissionais são consideradas como ameaça. Na compreensão da pesquisadora o primeiro mesmo que indesejado, é d

ambiente de educação, enquanto o segundo por se aproximar do feminino e “normal” é a figura que mais causa incômodo e rejeição. Questiona representações reforçam o rompimento da Educação Infantil?

Será que esses discursos desejam produzir ‘verdades’ de que nenhum h crianças?

Que devem vigiar cada ação com as crianças?

Não seriam essas construções um recurso para reforçar esse espaço como lei do que se pensa sobre os homens, são imaginadas como angelicais, assexuadas, criativas por natureza e prontas para o ensino dos pequenos: impulsionam o fazer científico. Nesse sentido, apresentamos algumas q momento e que serão aprofundadas no caminhar investigativo. Podemos | desigualdades de gênero centradas no binarismo masculino e feminino e q distinguem as profissões/ações a partir desses polos são constantemente ref e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue cor (MEYER, 2003 p.17). Compreendemos que por diversos meios esses proc distinções, assimetrias, normatizam as sexualidades, as masculinidades e fer anos iniciais da Educação Infantil. Esses processos acabam de alguma forma que não escapam da (re) produções que regulam, controlam e limitam o seu as crianças de vivenciarem mais tempo a infância, o brincar/aprender, **“Apagaram tudo/ Pintaram tudo de cinza/A palavra no muro ficou** entendimento outro ponto que integra o processo de adultização e que esta preocupação em alfabetizar as crianças. No 1º ano dos anos iniciais, essa pronto aqui registrar que segundo pesquisadoras como Craidy e Barbosa: apresentado uma consideração errônea a esse respeito quando compree arduamente e repetitivamente com o código alfabético: copiando, repetindo priorização pela alfabetização justificaria o distanciamento da Educação Infan As pesquisadoras Craidy e Barbosa (2012) levantam uma profunda reflexão primeiros anos do ensino fundamental à alfabetização e o domínio de outr crianças terão muitos anos pela frente para aprenderem. Já para Barbosa e elementos considerados da Educação Infantil estejam presentes também no: de ensino fundamental que tenha brinquedos, mesas coletivas, paredes color construir um contágio concreto da educação infantil no ensino fundament educativo” (BARBOSA; COLL DELGADO, 2012, p.142). Podemos pensar ausência das brincadeiras, das músicas, das cores, das atividades lúdicas e c Educação Infantil e tão importantes no desenvolvimento das crianças. Toc crianças vêm, paulatinamente, dando lugar para atividades pra copiar do q

visto nas escolas visitadas, silêncio e atividades para casa. As crianças são tempo a experiência da infância. Podemos pensar na existência de um processo de aulas e ao processo de aprendizagem nesses primeiros anos do Ensino Fundamental. Marisa Monte, "Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza..." tomamos a cor e as cores das tintas coloridas nas salas que visitamos, mas da ausência do colorido e reflexões de (BARBOSA; COLL DELGADO, 2012) juntam-se ao apelo de Coll e negado as crianças o direito à infância "[...] é preciso libertar o infantil da mão novo! E um clamor: Asseguremos seu direito a uma infância feliz! Lutemos, estamos apelando para uma infância romantizada, infantilizada e naturalizada: atropelar as fases de formação de cada um/a das nossas crianças, independentemente dos anos iniciais. Diante de tudo já exposto, desejamos problematizar ao longo questões de gênero com esse processo de adultização nos anos iniciais. Julgamos a negação da infância nessa fase da educação ou em outras palavras "o fim-da-infância" (CORAZZA, 2001) nos anos iniciais e supomos que a presença em sala contribui para que esse processo aconteça de forma mais acelerada e questionamentos anular a hipótese de que esse processo igualmente ocorra com professoras mulheres nos seus primeiros anos do Ensino Fundamental. Os estudos de gênero (PARAÍSO, 2014) nessa perspectiva a problematização que entendido aqui como construção cultural e social que impõem construções de masculinidade e feminilidade que atuam sobre professores e professoras. Tais definições incluem metáforas, pedagogias, relações de poder que demarcam e regulam o comportamento dos sujeitos, incluindo a sua atuação profissional ou a maneira como conduzem suas aulas. Professores e professoras uma continuidade no ser homem/masculino e mulher/feminina e suas respectivas construções. Para o propósito da pesquisa nos interessa pensar que há um processo de autovigilância em torno da masculinidade dos professores homens que atuam como fruto de "tensões, disputas e interesses próprios da cultura e tem seus próprios significados" (SEFFNER, 2013, p,124). Seguindo esse argumento é importante pensar a construção da feminilidade "[...] são metáforas de poder e de capacidade de ação, como a masculinidade" (ALMEIDA, p. 2, 1996). Metáforas essas potentes nas construções das diferenças não diz respeito diretamente a corpos de homens e de mulheres, como se pode pensar e que é reforçado pelo discurso biologizante e essencialista. Mas as construções de feminilidade e masculinidade resultantes dos discursos e práticas pedagógicas, escolhas e ações estabelecem essas diferenças. Considerando que o corpo, a criatividade, a sensibilidade e a arte, presentes na educação de crianças, são como atribuições para femininas e vistas como ações impensáveis para os homens, no meio dessas atividades terem sua masculinidade e sexualidade questionadas.

que gostava de artes e recebeu questionamentos. Deste modo, é significativo que professores homens recorrendo a adultização para não realizarem atividades, consequentemente evitar que sejam questionados em suas masculinidades, decorrem da sua presença. Ou será que esses professores acreditam que o Infantil de fato não podem ser desempenhados por homens?

Um dos professores que entrevistamos no levantamento das entrevistas-piloto na qual ele precise lidar com os corpos das crianças, procura recorrer a uma mesma a uma aluna mais velha. Outro professor nos relatou que ao tentar a acompanhar de um aviso “não era veado”, nas palavras do professor

[...] posso lhe relatar um caso que ocorreu, uma certa feita um dos estudantes com comportamento tipo de dar um carinho, dar um abraço, me aproximar e eu chegou a dizer que não era veado, por eu ter feito essa demonstração (entrevista realizada em dezembro de 2015) Parece haver uma vigilância com os corpos dos professores homens e das crianças, uma vigilância exercida pelo ambiente escolar, pelos profissionais e como vimos acima, pelas próprias crianças e pedagogias que regulam e disciplinam os corpos. Como se dá essa com os homens não podem lidar com os corpos das crianças e qual a relação com a adultização dos anos iniciais?

Questionamentos que se unem a outros: o que esses discursos denunciam sobre o feminino e masculino?

Como se dão essas práticas discursivas no meio rural e como são (re) produzidos demais sujeitos que convivem com essa presença?

De forma especial, o que dizem as próprias crianças sobre a presença de um homem? No entendimento que pesquisar é como dar passos (DAL’ÍGNA, 2014), alguns passos de pesquisa. A coleta de questões, reflexões e inquietações que abordamos de forma aprofundada no desenvolvimento da investigação configuram na nossa contribuição para a consolidação e realização da pesquisa. Apresentamos aqui um dos resultados do levantamento, que é por meio de entrevistas, ouvir algumas crianças que estão para observar como elas lidam com essa presença, e tentar compreender a relação com o gênero, sexualidade, se elas denunciam/notam esse processo de construção de gênero. A Sociologia da Infância são vistas não mais como meras receptoras e reproduzidas, mas participantes ativas e produtoras de cultura (LOBO, 2012) que buscam atravessar instituições que participam entre elas a escola, meios de participação no mundo (Tornam-se protagonistas da sua própria socialização, bem como das mudanças p.79), as crianças nesse entendimento são sujeitos que atuam ativamente

outro e da sua realidade. Essa concepção de infância nos afasta de uma vis passiva e indiferente diante da realidade social que estão envolvidas. As múltiplas experiências vividas no meio rural, experiências que não estão ins um significado próprio (GOULART, 2002), não em uma visão essencialista mesmo tempo plural, atravessada de um jeito de se posicionar diante do mu “[...] a criança sendo um ser humano de pouca idade é capaz de represent 2002, p.42). Fúlvia Rosemberg (2013) aponta a existência de um processo idade. Para a autora, nas sociedades ocidentais contemporâneas “o ad hierarquia” (p.255). Posicionando-se nesse lugar, raramente o adulto se v crianças, e talvez isso tenha reflexo no baixo número de pesquisas sobr pequenos. Rosemberg avalia que essa hierarquização por idade está ao la raça-etnia e localização espacial. Seguindo em suas argumentações a autor da infância como uma fase natural e idealizada, para ela algumas teori concepções equivocadas, mas ainda esbarram na naturalização da infân romperam com a máxima essencialista na compreensão das relações de g naturalização da infância” (ROSEMBERG,2013, p.255). **A ciranda, a amar conclusão...** Portanto, entre perguntas e reflexões seguimos o som da c muitas certezas e desejo de respostas prontas e acabadas. Talvez com a c nos ensina quando fala sobre a importância das interações das crianças-criar pequena infância, mas que serve igualmente para os anos iniciais do Er brincadeiras de rua [...] sem tempo para brincarem dentro das instituições d são anuladas, suas narrativas caladas, as brincadeiras tradicionais, tais trava-línguas, cantigas de forma de seleção, pegas, dentro tantas outras, ex Lutamos pela preservação das brincadeiras e por uma “infância-sem-fim” o pelas imposições de uma sociedade adultocêntrica, machista, sexista e f impedir que os professores homens que atuam nos anos iniciais exerçam brincar, ao lúdico e a ser criança. E retomando os versos da música de Rubir os professores homens e suas crianças “Quem quer brincar de esconder, de sorte o capitão, depois vou pular corda e jogar pião”.

REFERÊNCIAS ARROYO, Miguel G. **A infância interroga a pedagogia**. In Estudos da Infância: estudos e práticas sociais. Rio de Janeiro: VOZES, 2008 julho de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundam** Disponível em:

<http://>

portal.mec.gov.br

/index.php

?

option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&Itemid=3019

Adolescente. Lei federal 8.069 de 13 de Julho de 1990. Brasília, DF.

Disponível em:

http://

www.

planalto.gov.br

/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm

. Acesso em maio de 2016. BRASIL.CNE/CEB. Parecer 20, de 11 de Novembro

Curriculares Nacionais de Educação Infantil. Brasília, DF.

Disponível em:

http://

portal.mec.gov.br

/index.php

?

option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slu

Acesso em 26 fev. 2016. BRITZMAN, Débora. O que é esta coisa chamada

Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, P

CANAVIEIRA, Fabiana Oliveira. **Por uma política para educação da pequena**

ente elas: a relação criança-criança nos Indicadores de Qualidade na

FARIA, Ana Lúcia; LEÃO DE AQUINO, Ligia (Orgs). Educação Infantil e PNE

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?**

pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001. CRAIDY, Car

Silveira. Ingresso obrigatório no Ensino Fundamental aos 6 anos. In: BARBO

Ana Cristina Coll Delgado (Orgs). **A infância no Ensino Fundamental e**

CRUZ, Elizabete Franco. **"Quem leva o nenê e a bolsa?**

": o masculino na creche. In ARILHA, Margareth, UNBEHAUM, Sandra G., I

masculinidades: outras palavras. São Paulo: Editora 34, 1999. DAL'IGNA, Cl

em educação: passo a passo teórico-metodológico In: MEYER, D. E. E.;

de pesquisas pós-críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 201

os bebês fazem no berçário?

Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida

FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. **Quem é o Professor Homem dos Ar**

Discursos, representações e relações de gênero. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de

Paula Lima Lanter. **A Educação Infantil, a criança e o ensino fundar debate.** In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll Fundamental de 9 anos. Porto Alegre:Penso,2012. LOURO, Guacira Lopes. **Gê perspectiva pós-estruturalista** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. MEYER, Dagmar E e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Si Sexualidade– Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 21 **pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressup analíticas.** In: MEYER, D. E. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). Metodologias de pe Horizonte: Mazza Edições, 2014. PASUCH, Jaqueline. MORAES, Eulene. F campo. In: SILVA, Isabel de Oliveira; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTIN São Paulo, Editora Cortez,2013. RODRIGUES, Lídia da Silva. **Jogos e t processo de aprendizagem lúdica na alfabetização.** Brasília, 2013. Di [http://](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14200/1/2013_LidiaSilvaRodrigues.pdf)

repositorio.unb.br

[/bitstream/10482/14200/1/2013_LidiaSilvaRodrigues.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14200/1/2013_LidiaSilvaRodrigues.pdf)

ROSEMBERG, Fúlvia. Narrativas adultas sobre lugares de vida de criança SILVA, Isabel de Oliveira; SILVA, Ana Paula; MARTINS; Aracy Alves (Orgs). Autentica Editora, 2013.] SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero Infantil:** um estudo a partir de professores na creche. Florianópolis: UFSC, : Centro de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculin 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação. Faculd do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

* Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, me Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sexualidade e Relações de Gênero. Membro do Grupo de Estudo e Pesqui Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico jeffersonxavier@hotmail.com

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFF de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidac Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: fernandoseffner@gmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: